GUERRA DO PARAGUAI: DIFERENTES PERSPECTIVAS E INTERPRETAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

Giovanna de Oliveira Martins

RESUMO

Desde a segunda metade do século XIX diversas interpretações acerca da Guerra do Paraguai foram sendo produzidas. Com destaque da obra de Dionísio Cerqueira e de Rocha Pombo, a corrente tradicionalista obteve grande destaque no período seguinte ao conflito, trazendo uma abordagem patriótica sobre a participação brasileira e uma análise personalista, pela qual viam o líder paraguaio Solano López como causador da guerra. Da década de 1960 em diante, predomina a corrente revisionista, na qual León Pomer e Júlio José Chiavenato apresentavam o papel do imperialismo britânico como fator decisivo para a derrocada da guerra e arrasamento do Paraguai. Desde a década de 80, uma nova linha de estudiosos, entre eles Ricardo Salles e Francisco Doratioto, preconiza a guerra como sendo resultado das discrepâncias platinas e da consolidação dos Estados Nacionais na região. Logo, o presente artigo objetiva averiguar e compreender as diversas interpretações produzidas desde o fim da guerra por essas três correntes historiográficas, atentando para suas características e particularidades.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai. Historiografia. Correntes historiográficas.

ABSTRACT

Since the second half of the nineteenth century many interpretations over the Paraguayan War were being produced. Highlighting the work of Dionísio Cerqueira and Rocha Pombo, the traditionalist approach prevailed in the period following the conflict, bringing a patriotic approach to the Brazilian participation and a personalist analysis, in which they saw the Paraguayan leader Solano López as the responsible for the war. From the 1960s onwards, revisionist version of the war prevailed, in which Leon Pomer and Julio José Chiavenato pointed the role of British imperialism as a determining factor for the outbreak of war and the destruction of Paraguay. Since the 80s, a new line of researchers, including Ricardo Salles and Francisco Doratioto, that calls the war a result of the platine contradictions and the consolidation of national states in the region. Therefore, this paper aims to investigate and understand the different interpretations produced since the end of the war

by these three historiographical approaches, noting their characteristics and peculiarities.

Key words: Paraguayan War. Historiography. Historiographical approaches.

INTRODUÇÃO

Ao longo da segunda metade do século XIX e ao decorrer do XX, diferentes interpretações historiográficas à cerca da Guerra do Paraguai foram sendo construídas. O conflito se tornou alvo de inúmeras manipulações ideológicas, estando sujeito à multiplicidade das construções históricas que, eram moldadas por contextos políticos específicos e interesses oficiais, tanto do Brasil, quanto da Argentina, como também do Paraguai e do Uruguai. É possível estabelecer três correntes interpretativas distintas que marcam tal produção historiográfica: a primeira conhecida como tradicional ou oficial, predominante no período entre o término da guerra até a década de 1960; a segunda, revisionista que compreende estudos divulgados a partir da década de 1960; e finalmente a corrente recente, tratada por muitos como neo-revisionista. O objetivo deste trabalho é delimitar a atmosfera política e histórica que engloba cada uma dessas leituras, atentando para as características próprias de cada autor e cada linha de interpretação.

CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS

A historiografia “tradicional” surgiu ainda no século XIX e ofereceu ao leitor a compreensão “patriótica” do conflito platino. Essa corrente teve como característica a narrativa factual, e foi escrita a partir de uma ótica vencedora por parte Império brasileiro, enfocando as ações militares, diante da ne-

cessidade do Exército de se impor como “defensor” do território nacional. Identifica-se a redução da importância do aliado argentino para a vitória sobre Francisco Solano Lopez¹, além da diminuição, e até mesmo esquecimento de importantes críticas à atuação de chefes militares brasileiros no conflito.

Ao mesmo tempo, esta versão trouxe uma visão pejorativa ao se tratar da nação guarani, de que o Paraguai agrediu o Império do Brasil sem ter motivos diretos para tal. Entretanto, essa interpretação não responsabilizava o país vizinho pela agressão, mas, sim, a Solano López, líder tirânico que dominava e governava o Paraguai como uma propriedade particular, mantendo também a população em constante ameaça e opressão.

Esta leitura tradicional, amplamente difundida e aceita como “verdade” pelos governantes brasileiros, influenciou ainda a elaboração dos manuais didáticos de história que eram utilizados nas escolas em toda a nação brasileira. Os estudantes daquela época tiveram como essência em seu aprendizado à cerca da guerra, a concepção de que a nação brasileira havia alcançado o êxito por meio de uma “atuação heroica e significativa” na Guerra do Paraguai, libertando a população paraguaia (vítima) das forças “tirânicas” do comandante – Solano López. Muitos dos cidadãos brasileiros aprenderam, de acordo com essa linha de reflexão, a idolatrar a pátria a qual pertenciam como também os heróis que se consolidaram com o resultado da Guerra. A exaltação dos grandes nomes que tiveram participação na guerra como Duque de Caxias (patrono do exército), Conde d’Eu, Visconde de Tamandaré (patrono da marinha) e o imperador D. Pedro II, é um traço marcante desse momento.

¹ Foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai, exercendo o cargo desde 1862 até a sua morte. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai.

Em contrapartida, a incitação ao ódio para com os governantes paraguaios, promoveu um determinado tipo de preconceito em relação a tudo que se relaciona com a nação paraguaia. O padrão de caracterização de López como um déspota ambicioso que desejava expandir sua influência no Rio da Prata se perpetuou no imaginário coletivo brasileiro, tanto para intelectuais e acadêmicos quanto para a população. A ambição e orgulho são atribuídos a imagem construída de Solano López, sendo reconhecidos como a principal força que veio desencadear o conflito com os países aliados. Eles representariam as intenções megalomânicas do ditador que já haveria antecipado e esquematizado secretamente a guerra.

Esta ideia pode ser identificada, dentre as inúmeras produções acadêmicas durante o período de predomínio da abordagem tradicional, na obra do General brasileiro, que participou do conflito, Dionísio Cerqueira: “Reminiscências da Campanha do Paraguai”. Em seu relato, o general caracteriza Solano Lopez como sendo um ditador, que identificou na invasão do Brasil ao Uruguai um pretexto para o rompimento das relações com o Brasil e o início da guerra (Cerqueira, 1980).

Outro autor que corrobora com essa visão, é o historiador Rocha Pombo, autor de inúmeros manuais didáticos, que também apontava Solano, como sendo o principal responsável pela guerra. Ao descrever as atitudes do ditador paraguaio, o autor, ressalta a crueldade e maldade com que o comandante tratava seus amigos e pessoas mais próximas de seu convívio. Em sua obra “História do Brasil”, o autor destaca que:

É o ditador do Paraguai, Francisco Solano López, que vai renovar as pretensões de Rosas, de formar no Prata um grande império, rival do Brasil. Para isso

preparava-se solícita, mas dissimuladamente; e só aguardava agora, um pretexto para entrar em cena. (POMBO, 1960)

Ainda, Pombo não deixou de explicitar sua opinião sobre López em sua obra Nossa Pátria, o autor fez severas acusações contra López. Para ele, “Aquele homem [Solano] era tão cruel que ia deixando o solo, por onde fugia, juncado de cadáveres dos seus próprios amigos e até dos irmãos. Todos os que não venciam eram mortos” (POMBO, 1917).

Dessa forma, é possível observar que em tais interpretações, as causas da guerra são buscadas nas ações de um indivíduo isolado, neste caso Solano. Observa-se mais um modelo de análise baseada em fatos, que lança estereótipos tanto sobre o Paraguai quanto sobre seu governante. Portanto, fica claro que o interesse político por trás da visão tradicional da guerra é defender, justificar e exaltar a ação do Brasil na guerra.

A partir da década de 60, com o fortalecimento do movimento republicano brasileiro, houve o surgimento de outra corrente interpretativa para o conflito platino. Com fortes críticas à historiografia oficial, surgem os revisionistas, os quais se propunham a efetuar uma revisão acerca da guerra, questionando a ideia de que Solano Lopez teria sido o único responsável pela deflagração do conflito. A história da guerra foi “retrabalhada” pelo revisionismo populista, ao se criar o mito de Solano grande chefe militar e anti-imperialista. Com uma nova perspectiva de análise a partir da questão econômica, o fato é inserido no contexto imperialista do século XIX, enquanto o capitalismo se afirma na Grã-Bretanha. Neste caso, cabe entender o contexto histórico no qual esta corrente historiográfica se inseria.

Estas produções situam-se entre as décadas de 1960 a 1980, em um momento em

que vários países da América Latina estavam sob o regime de ditaduras militares. Dessa forma, como uma das formas de combatê-las, as publicações daquele período levantavam questionamentos sobre a atuação do exército brasileiro na guerra, desmoralizando seus referenciais históricos e ídolos, denunciando os excessos cometidos pelo Exército brasileiro. Daí o espírito acríptico com o qual a academia aceita e reproduz publicações “revisionistas” sobre a Guerra do Paraguai.

Esse revisionismo desenvolveu uma “visão imperialista” do litígio. Essa leitura acredita que o processo que desencadeou a Guerra do Paraguai foi mero reflexo dos interesses e da ação do imperialismo britânico. Prega que a Inglaterra, preocupada com o crescente desenvolvimento paraguaio, assume o papel de grande manipuladora objetivando a abertura da economia paraguaia para seus produtos manufaturados, o acesso ao algodão paraguaio para a indústria inglesa de tecidos e, ainda, eliminar o modelo autônomo de desenvolvimento do Paraguai que poderia ser seguido por outros países, comprometendo a predominância britânica na América do Sul.

Pode-se colocar ainda que esta vertente explicativa acabou por promover uma espécie de inversão de papéis, visto que o Brasil perdeu seu lugar de grande “herói”, sendo apontado como culpado pela devastação do Paraguai e este, por sua vez, perde sua posição de “grande vilão”, assumindo o papel de vítima do imperialismo inglês. Esse revisionismo apresenta o Paraguai pré-guerra como um país progressista, no qual o Estado teria proporcionado a modernização do país e o bem-estar de sua população, fugindo à inserção na economia capitalista e a subordinação à Inglaterra. Por essa explicação, Brasil e Argentina teriam sido manipulados por interesses britânicos para aniquilar

o desenvolvimento autônomo paraguaio.

Além disso, cabe ressaltar o nascimento do revisionismo histórico da figura de Solano López, ou “lopizmo”, concepção que buscou transformar a imagem do ditador, de responsável pelo desenvolvimento da guerra desastrosa para seu país, em um herói, vítima da agressão da Tríplice Aliança e sinônimo de coragem e patriotismo. O revisionismo lopizta adquiriu força e tornou-se onipresente, apoiado pelo Estado.

Frutos dessa interpretação revisionista deve-se citar os estudos do historiador argentino León Pomer. No famoso livro “La guerra del Paraguay: un gran negocio”, publicado em 1968, traduzido ao português em 1980, sob o título “A guerra do Paraguai: um grande negócio”, Pomer levanta a tese da influência do imperialismo britânico na guerra, destacando seu interesse pelo livre comércio, dando início a este eixo interpretativo. Em suas pesquisas, o autor se volta para os fatores econômicos como sendo determinantes. Pomer defenderá que na década de 1860 a Inglaterra se viu diante do grande problema da Guerra de Secessão dos Estados Unidos que prejudicou o fornecimento de algodão às suas fábricas e, portanto, implicava uma obrigatoriedade a buscar fontes alternativas de suprimento. Diante desta necessidade seria preciso buscar aliados que concordassem organizar, em função dos interesses ingleses, suas estruturas econômicas. É a partir desta ideia que o Paraguai se colocaria como obstáculo. Na visão do autor:

Ovelha negra – Tal é o Paraguai aos olhos da burguesia inglesa e de outras burguesias europeias altamente desenvolvidas, e tal se torna, logo aos olhos de alguns cavalheiros que no Prata e no Brasil traficam e comercializam com as potências ultramar, sem se preocuparem com outra coisa, a não ser seus interesses mesquinhos e res-

tritos interesses de classe (POMER, 1984).

Diante disso, na visão do historiador argentino, a formação da Tríplice Aliança não se deu de maneira acidental, ao contrário, tinha um objetivo definido e específico que se respaldava em “[...] estruturar nessa parte do mundo, um sistema político-econômico de relações e dependências em função dos interesses das grandes potências “centrais”, das quais a Grã-Bretanha é inquestionavelmente a principal” (POMER, 1984). Ainda, o autor evidencia os empréstimos contraídos pelo Brasil e pelos demais países aliados, afirmando que “a guerra foi paga, basicamente, com dinheiro fornecido pelos ingleses” (POMER, 1984).

Julio José Chiavenato, brasileiro de formação acadêmica na área de jornalismo, lançou em 1979 o livro “Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai”, obra que obteve enorme repercussão e que marcou o contexto platino até meados da década de 1980. Seu livro serviu de guia para muitos intelectuais e, atingiu também, em grande medida, o público não-especializado. Para a academia “Genocídio Americano”, trazia uma oportunidade de “redimir nossos fantasmas”.

Reiterando que não é um historiador, Chiavenato reconhece o caráter jornalístico de sua obra, escrito com “paixão” e não com critérios metodológicos historiográficos, no entanto, se propõe a uma abordagem crítica sobre o conflito, levando em conta “os interesses do capital inglês” e também os aspectos políticos e militares como aspectos fundamentais. Segundo o autor, a Inglaterra no século XIX tinha o domínio das relações comerciais externas, no entanto, dois problemas se colocaram: a Guerra da Secessão (que levou ao corte de fornecimento de algodão) e os movimentos nacionalistas nas colônias inglesas (que produzem custos al-

tos com forças de ocupação). Para o autor:

[...] esse país [Paraguai], essa autônoma república com uma economia própria e insubmissa à exploração do imperialismo inglês, pode modificar o status quo no Prata, possibilitando muito possivelmente a atração de outros interesses de outras potências. A grande máquina do capitalismo internacional não pode ter uma pequena peça destoando da engrenagem. É fácil perceber que o Paraguai será vítima desse sistema internacional – os ingleses, do seu ponto de vista imperialista, dominador, violento e desprovido de qualquer ética, guiados apenas pelo cálculo econômico, estão certos: é preciso destruir e substituir a pequena engrenagem que não se ajusta à máquina (CHIAVENATO, 1988).

Desse modo, de acordo com o historiador, os conflitos entre os vizinhos sul-americanos foram apenas “caudatários das necessidades econômicas” do capital inglês. E ainda, complementa, alegando que o imperialismo inglês, após destruir a República guarani, a qual considerava altamente desenvolvida do ponto de vista econômico, político e social, que deveria ser seguida como modelo pelos demais países latino-americanos, manteria o status quo na América Meridional, impedindo a ascensão do único Estado economicamente livre. Nesse sentido, Chiavenato apresenta a “nação guarani” como:

[...] em 1840 o Paraguai é um país sem analfabetos. Existiam naquele tempo, para uma pequena população de menos de quatrocentos mil habitantes, quatrocentas e trinta e duas escolas com vinte e quatro mil alunos. Esse dado muito bom para a época e para as circunstâncias do país chega a ser magnífico. Mais significativo que isso, porém, é que toda uma estrutura socioeconômica atendendo plenamente os interesses populares está livre de burocratas, cortesãos e parasitas do gênero: no

Paraguai só existe trabalho produtivo. Não há dívida externa – algo absolutamente impensável dentro das normas de governo de El Supremo. O país pronto para o desenvolvimento só não é pleno pelas altas taxas de juros que Buenos Aires cobra para permitir a saída de seus produtos (CHIAVENATO apud NADAI; NEVES, 1984).

Apesar de seu enfoque sobre as causas econômicas, este não foi o único diferencial do revisionismo. Chiavenato traz o lopizmo em sua obra, na medida em que inverte a imagem do Paraguai e, conseqüentemente, inverte radicalmente a leitura da imagem do ditador Solano López, o qual será elevado ao verdadeiro construtor magnífico da resistência contra a invasão e destruição do país.

“Genocídio Americano” constitui uma simplificação das ideias do historiador argentino León Pomer. A emoção no texto de Chiavenato camufla sua incoerência lógica e a fragilidade das suas fontes, enquanto o trabalho de Pomer sustenta-se em bases mais sólidas. Pomer atribui uma resistência heroica ao Paraguai e Chiavenato contribui para a construção de uma visão heroica de Solano Lopez. Essas duas obras são marcos fundadores do movimento revisionista brasileiro e se consolidaram como fontes de consulta aos outros autores que, até meados de 1990, reafirmaram a tese do imperialismo inglês como explicação para as origens da guerra.

Em um terceiro plano, surgiu uma nova corrente, fruto da renovação pela qual a historiografia brasileira passou desde meados de 1980, que buscou as causas da Guerra do Paraguai no próprio processo histórico dos países platinos. Os estudos produzidos, procuraram por meio de ferramentas teóricas e de uma metodologia de pesquisa, respaldada por um rico acervo documental e sólidas fontes primárias, compreender a guerra tendo em vista a dinâmica política e social específica

dos países envolvidos e as relações de interesse deles na região da Prata em um momento de constituição das identidades nacionais.

Esta nova abordagem, que privilegia aspectos políticos e diplomáticos, emerge no contexto do fim das ditaduras no Cone Sul e, no cenário mundial, do término da Guerra Fria. Ambos acontecimentos levaram à abertura de arquivos, ao crescimento da liberdade acadêmica e à oxigenação ideológica, criando condições para o questionamento das antigas interpretações, por parte dos intelectuais que passaram a estudar novos objetos, que se apoiavam em bases documentais precárias. Foi, portanto, a redemocratização dos países sul-americanos da região do Prata que permitiu a superação do revisionismo simplificador.

O neo-revisionismo, trouxe também a certeza de que o Paraguai não constituía um exemplo de modernidade econômica e social no período antecedente ao conflito e, ainda, a análise crítica dos personagens que participaram do desenvolvimento do conflito armado, ao invés de reforçar mistificações.

No Brasil, houve a publicação, em 1985, do livro “O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na bacia do Prata; da colonização ao Império” de Luiz Alberto Moniz Bandeira, obra que marcou o início dessa corrente interpretativa. O autor apresentou outro eixo explicativo para o conflito platino ao analisar a formação dos Estados Nacionais na Bacia do Prata, sinalizando para as questões fronteiriças e de navegação que compreendiam as nações envolvidas nesta disputa. Moniz analisou também, questões diferenciadas relacionadas à prática diplomática brasileira no período, sobretudo aos assuntos que se referiam à Questão Christie, atestando a improbabilidade da participação britânica no que concernia à manipulação do Brasil, Argentina e Uruguai para irromper a Guer-

ra, tendo em vista que a Grã-Bretanha se encontrava, naquele momento, com as relações diplomáticas rompidas com o Império brasileiro. Este trabalho pioneiro permaneceu ímpar até a década de 1990, quando novos estudos surgiram, mantendo interpretações semelhantes tendo em vista as origens da guerra e as críticas ao revisionismo.

O historiador Ricardo Salles, autor de “Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania” na formação do exército (1990), faz, em sua obra, considerações críticas sobre as construções tradicionalistas e revisionistas da guerra, apontando que se por um lado os historiadores tradicionais pecaram por um excesso de factualismo e oficialismo, por outro, os revisionistas erraram por se pautarem, muitas vezes, em simplificações. Como assinala, ceticamente, o autor:

A versão revisionista das origens da guerra tem seu ponto fraco talvez exatamente naquilo que caracterizou sua novidade: a inserção do conflito no contexto mais geral de expansão do capitalismo. A supervalorização da ação direta da Inglaterra e a subestimação das motivações particulares das nações envolvidas (à exceção do Paraguai) acabaram por obscurecer a eventual originalidade da abordagem (SALLES, 1990).

Ainda, Salles descontrói os argumentos mais fundamentais dos revisionistas ao:

[...] considerar o Paraguai como objetivo último da política britânica e dar a este país um peso que ele não tinha na região, seja em termos de mercado consumidor, seja em termos de fornecedor de matérias-primas, é algo diverso (SALLES, 1990).

Salles procurava, ao analisar o quadro político das relações entre o Brasil e os países vizinhos latino-americanos, acentuar as suas

diferenças com relação às potências estrangeiras, identificando-o como sendo mais forte politicamente. Nesta concepção, de acordo com o autor, o Império brasileiro apresentava o objetivo de afirmar e legitimar os seus interesses para manter, de forma centralizada, o controle da nação. Estes interesses versavam sobre a garantia da livre navegação na Bacia do Prata e as reivindicações territoriais nas áreas fronteiriças. Dessa forma, Salles coloca que a Guerra do Paraguai foi tanto resultado de uma transformação na sociedade brasileira diante de um período de transição do escravismo para o capitalismo, quanto da fundação do partido republicano e o desenvolvimento do movimento abolicionista.

Outro expoente autor dessa nova corrente historiográfica é o historiador brasileiro Francisco Doratioto. Suas obras confirmaram as reflexões trazidas por Moniz Bandeira e tiveram grande alcance, tanto junto ao público especializado, quanto o não. Sua obra de maior repercussão “Maldita Guerra”, publicada em 2002, trouxe uma análise mais objetiva da Guerra do Paraguai.

O autor tece uma séria crítica, logo na introdução deste livro, tanto à historiografia conservadora quanto ao revisionismo histórico. Segundo ele:

[...] tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico emocionalismo fácil e pela denúncia indignada (Doratioto, 2002).

Todavia, independentemente do percurso percorrido, a pretensão das interpretações tradicionais, revisionistas e recentes é de se afirmar como “verdade”. Contudo, para Doratioto:

[...] continuar a defender, hoje, essa interpretação [revisionista] somente pode ser resultado da ignorância histórica ou, então, da natural dificuldade de se reconhecer errado (Doratioto, 2002).

O autor rejeita a hipótese da influência do imperialismo britânico presente na leitura revisionista, colocando que tal perspectiva serviu, apenas, à defesa de interesses políticos entre 1960 e 1980. Ao refutar a influência da Inglaterra na guerra, Doratioto defende que os diplomatas ingleses que negociavam com o governo de Solano seguiram as instruções do governo britânico, as quais visavam o impedimento ao Paraguai de envolver a Grã-Bretanha em suas disputas com os países vizinhos, garantindo assim a livre navegação de embarcações inglesas nos rios Paraguai e Paraná.

Adiciona-se ainda, o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra no ano de 1863, devido ao bloqueio naval britânico na costa do Rio de Janeiro, entendido como uma humilhação pela opinião pública brasileira. Doratioto faz uso de uma carta² de 1864, escrita por Edward Thornton, representante britânico, endereçada ao chanceler paraguaio José Berges, em um momento em que as relações entre Paraguai e Império haviam sido rompidas. Seu conteúdo revela e comprova o não interesse britânico em uma guerra entre o Paraguai e seus vizinhos por parte da Inglaterra, a qual ainda se coloca à disposição

para auxiliar na resolução do impasse. Doratioto deixa claro que:

A Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas [...] se cristalizaram em torno da Guerra Civil uruguaia, iniciada com o apoio do governo argentino aos sublevados, na qual o Brasil interveio e o Paraguai também (DORATIOTO, 2002).

É válido citar, a análise do autor das diferentes ópticas da Guerra. Ele ressalta que para Solano Lopez a guerra era a oportunidade de colocar seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevideu (graças a sua aliança com os blancos uruguaios e os federalistas argentinos³). Para Bartolomé Mitre⁴ era a forma de consolidar o Estado centralizador argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas (proporcionado pelos blancos e por Solano Lopez). Para o partido Blanco⁵, o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabilizaria impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai. Por fim, para o Império do Brasil, a guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas quando iniciada, pensou-se a vitória brasileira seria rápida e poria um fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e às ameaças a livre navegação, criando condições para depor Solano López.

3 Foi um grupo que lutava para estabelecer o sistema federal na República. Até a segunda metade do século XIX continuou em luta contra o Partido Unitário para decidir sobre a organização política do país.

4 Foi um político, escritor e militar argentino que foi presidente da Argentina de 1862 a 1868. Durante sua presidência, teve início a Guerra do Paraguai.

5 Partido político uruguaio de inspiração conservadora, ligada ao interior e a cadeia de produção primária.

2 Carta contida no livro Maldita Guerra, 2002, DORATIOTO, Francisco, p. 90-91

Por fim, Doratioto condenava a falsificação do passado, com a apologia da ditadura lopizta, alegando que esta contribuiu para construir a opressão do presente, ao dar suposta legitimidade aos regimes dos ditadores paraguaios que se seguiram. De acordo com o autor, havia certeza da responsabilidade de Solano López “quer no desencadear da guerra, ao invadir o Mato Grosso, quer na destruição de seu país, pelos erros na condução das operações militares e na decisão de sacrificar os paraguaios, mesmo quando caracterizada a derrota, em lugar de pôr fim ao conflito” (DORATIOTO, 2002, p. 19). Portanto, na visão recente de Francisco Doratioto: “A Guerra do Paraguai foi, na verdade, resultado do processo de construção dos Estados nacionais no Rio da Prata e, ao mesmo tempo, marco nas suas consolidações” (DORATIOTO, 2002, p.23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível então perceber que a Guerra do Paraguai foi objeto de estudo de diversos pesquisadores, sendo ela interpretada por diferentes correntes historiográficas em contextos políticos, históricos e econômicos distintos. Os tradicionais, por meio de uma visão personalista, viam o dirigente paraguaio Solano López como único responsável pela deflagração do conflito, e com uma visão patriótica defendiam a participação brasileira na disputa. A partir da década de 1960, a corrente revisionista, apresenta como fator definitivo para a derrocada do conflito e destruição da República paraguaia a atuação do imperialismo britânico. Mais recentemente na década de 1980, os intelectuais neo-revisionistas apontaram a guerra como sendo decorrente das contradições platinas e da consolidação dos Estados Nacionais na região.

É importante salientar que as teses apresentadas por Salles e Doratioto se apresentam, atualmente, como sendo as mais aceitas, tendo em vista a base documental na qual os autores baseiam suas análises e a metodologia que empregam nas interpretações sobre o conflito. Entretanto, cabe destacar que nenhuma das três correntes interpretativas citadas neste trabalho estão isentas das manipulações ideológicas a que a escrita da história está sujeita. Toda produção intelectual transporta consigo princípios e valores do período em que foi escrita e do seu autor. O neo-revisionismo é tratado hoje com maior validade devido este estar fundamentado em pesquisas sólidas que contemplam o método histórico e que foram sujeitadas ao controle acadêmico interno durante os diferentes estágios de seu desdobramento. Essas propriedades viabilizam a restrição do grau de subjetividade e da deturpação ideológica da interpretação de um fato histórico. A produção revisionista, ao contrário, “era militante, tendo como objetivo encontrar no passado elementos que permitissem confirmar sua visão do que deveria ser o mundo no presente e, principalmente, no futuro” (DORATIOTO, 2009). Portanto, faz-se válido, uma análise um tanto quanto realista do conflito para um melhor parecer sobre o mesmo, procurando não se deixar manipular pela subjetividade do emocionalismo. Como disse Edward Carr: “Nenhuma ciência merece tal nome até que tenha, adquirido humildade suficiente para não se considerar onipotente, e para distinguir a análise do que é, da aspiração do que deveria ser” (CARR, 2001, p. 13).

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. A. Moniz. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na bacia do Plata: Argentina, Uruguai e Paraguai.** Da colonização à guerra da Tríplice Aliança. 2 ed. Brasília: EdUnB, 1995.

BARROSO, Giane Ap. **Guerra do Paraguai em perspectiva: tensões históricas e historiográficas.** ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

CARR, Edward Hallet. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939.** Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai.** São Paulo: Brasilense, 1984/1988.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. **História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai.** Novo mundo mundos novos (online). Seminários, publicado em 13 de janeiro de 2009, acesso em 25 de junho de 2016. URL:< <http://nuevomundo.revues.org/49012> >; DOI: 10.4000/nuevomundo.49012.

GARCIA, Gabriel Ignácio. **A Guerra do Paraguai em diferentes interpretações.** Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 5, 2014.

POMBO, Rocha. **História do Brasil. Com muitos mapas históricos e gravuras explicativas.** Revista e atualizada por Hélio Vianna. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

POMBO, José Francisco da Rocha. **Nossa Pátria: Narração dos factos da História do Brasil através de sua evolução com muitas gravuras explicativas.** São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 60ª ed., 1917 s.d.

POMER, Léon. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado.** São Paulo: Global, 1984.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. **Revisões historiográficas: a guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNLD 2011.**